



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DO MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

JAQUELINE ALVES MARTINS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO
EM SANTO AMARO (BA)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JAQUELINE ALVES MARTINS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO
EM SANTO AMARO (BA)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M343p

Martins, Jaqueline Alves.

O preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio em Santo Amaro (BA) /
Jaqueline Alves Martins. - 2023.

63 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto
de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Assédio nas escolas - Santo Amaro (BA). 2. Língua portuguesa - Aspectos sociais -
Santo Amaro (BA). 3. Sociolinguística. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.79808142

JAQUELINE ALVES MARTINS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO
EM SANTO AMARO (BA)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Data da defesa: 3 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Alexandre Antônio Timbane**, Professor orientador

Alexandre Antônio Timbane

Profa. Dra. **Habiba Naciri**, Professora examinadora

Habiba Naciri

Prof. Dr. **Artinésio Widnesse Saguato**, Professor examinador

Artinésio Widnesse Saguato

Prof. Msc. **Ezequiel Pedro José Bernardo**, Professor examinador

Ezequiel P. J. Bernardo

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer sempre nos traz uma sensação de dever cumprido, realizado, e é assim neste momento que sinto, realizada por ter conseguido concluir este objetivo.

Primeiramente, quero agradecer à Deus por ter permitido e dado forças todos os dias para construir este trabalho, no qual onde duvidei várias vezes que não iria conseguir, e o meu Deus nunca me abandonou, sempre renovou minhas forças, não deixando desistir.

Quero agradecer também a minha família que de alguma forma sempre mim manteve motivada a continuar, mas especialmente a minha irmã Geisa Martins que sempre esteve do meu lado, lendo o que eu escrevia para ver se estava bom, a palavra que estava legal, meu sincero agradecimento irmã.

Agradeço ao meu orientador Alexandre António Timbane que sempre esteve comigo, por estar sempre abrindo os meus olhos, mostrando-me que eu era capaz de concluir este trabalho, agradeço imensamente por não ter deixado eu desistir, meu muito obrigado por nossa parceria e por ter acreditado em mim.

Agradecida a universidade pela oportunidade de fazer minha primeira graduação.

Enfim, todas essas palavras se resumem em gratidão, grata por tudo que passei, no qual hoje sei que foi necessário passar para chegar até aqui, minha eterna gratidão.

Não há nenhuma evidencia linguística que permita afirmar que um dialeto, variedade ou registro é mais “expressivo”, mais “correto”, mais “lógico” que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos, estruturados. (Soares, 2017, p.63)

RESUMO

A língua é viva, e vive em uma grande variação constante, no qual, está sempre em movimento, sendo variante as diferentes formas de falar da mesma palavra sem mudar o seu significado. Este presente trabalho vem mostrar que a falta de conhecimento, fez essa variação virar um peso na vida das pessoas, onde deu espaço para a criação do preconceito linguístico. Vamos discutir que segundo a fala do linguista Marcos Bagno à PNAIC UFSCAR-entrevistas (2006, PNAIC UFSCAR-entrevistas) preconceito linguístico pode ser explicado como qualquer tipo de atitude que leva uma pessoa a discriminar o outro pelo modo do qual essa pessoa fala. Portanto, é exatamente essa ignorância manipuladora da sociedade culta que valorizam somente a gramática normativa como a correta, que faz adolescentes de classe baixa, de uma educação básica, nordestino, se considerarem burros, que não sabem falar o português correto. Que além do preconceito linguístico os adolescentes sofrem com o *bullying* dentro da sala de aula, sem mesmo saber que está praticando uma violência contra o colega. Tendo como objetivos específicos a) Definir o conceito de preconceito linguístico; b) Explicar os processos de preconceito e os respectivos mitos; c) Propor caminho para o ensino do português livre do preconceito. A nossa sociedade tem manifestado o tempo todo preconceito linguístico causado pelas imprecisões e desconhecimento das consequências desse preconceito. A escola deveria ser o espaço de combate desse preconceito, enraizada na sociedade, daí que se questiona: Como se manifesta o preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro? Os alunos do ensino médio manifestam atitudes preconceituosas por meio de *bullies*. Os adolescentes não toleram os falares diferentes da sua região, neste caso falar diferente, em Santo Amaro. O preconceito linguístico se manifesta em adolescente por falta do conhecimento em que não existe falares melhores que outros. Com isso, é possível destacar nesta pesquisa como é manifestado o preconceito linguístico, entre adolescente, em Santo Amaro, quais são suas causas que o levam a praticá-los, tendo como objetivo geral compreender o preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro, e como objetivos específicos definir o conceito de preconceito linguístico, explicar os processos do preconceito e os respectivos mitos, e propor caminho para um ensino do português livre do preconceito. Em suma, esta pesquisa procurará mostrar como é necessário ter

conhecimento e compreensão sobre a norma culta, para não chegar ao ponto de praticar um preconceito linguístico. Quanto a metodologia, a pesquisa é qualitativa, do tipo “estudo de caso”. A abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, a pesquisa do “estudo de caso” e a pesquisa “etnográfica”. Desta forma, escolhemos o tipo “estudo de caso”. Esta pesquisa aconteceu em duas escolas estaduais da cidade de Santo Amaro, o Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano e o Centro Educacional Teodoro Sampaio. Sendo assim, a entrevista foi feita com vinte e quatro estudantes de duas escolas doze na escola I e doze na escola II sendo: seis alunos da série inicial três meninas e três meninos, e seis alunos da série final três meninas e três meninos. Em suma, concluímos que o preconceito linguístico é visto como um grande preconceito social. No qual a sociedade brasileira é a mais afetada, onde categorias sociais sofrem grandes discriminações por serem negros, pobres, homossexuais, mulheres. Sabemos que o preconceito linguístico é a discriminação que praticamos contra um falante pelo modo como ele fala.

Palavras-chaves: assédio nas escolas - Santo Amaro (BA); língua portuguesa - aspectos sociais - Santo Amaro (BA); sociolinguística.

ABSTRACT

The language is alive, and lives in a great constant variation, in which, it is always in movement, being variant the different ways of speaking of the same word without changing its meaning. This present work shows that the lack of knowledge, made this variation become a burden on people's lives, where it gave space to the creation of linguistic prejudice. We will discuss that according to the speech of linguist Marcos Bagno to PNAIC UFSCAR-interviews (2006, PNAIC UFSCAR-interviews) linguistic prejudice can be explained as any kind of attitude that leads a person to discriminate the other by the way that person speaks. Therefore, it is precisely this manipulative ignorance of cultured society that values only the normative grammar as the correct one, which makes low-class adolescents, of a basic education, northeastern, if they consider themselves dumb, who do not know how to speak correct Portuguese. That in addition to linguistic prejudice adolescents suffer from *bullying* within the classroom, without even knowing that they are practicing violence against their colleague. Having as specific objectives a) Define the concept of linguistic prejudice; b) Explain the processes of prejudice and the respective myths; c) Propose way for the teaching of Portuguese free from prejudice. Our society has manifested all the time linguistic prejudice caused by inaccuracies and ignorance of the consequences of this prejudice. The school should be the space to combat this prejudice, rooted in society, hence the question: How does linguistic prejudice manifest in high school adolescents in Santo Amaro? High school students manifest prejudiced attitudes through *bullyings*. Teenagers do not tolerate different speech from their region, in this case speak differently, in Santo Amaro. Linguistic prejudice is manifested in adolescence for lack of knowledge in which there is no better speech than others. Thus, it is possible to highlight in this research how linguistic prejudice is manifested among adolescents in Santo Amaro, what are its causes that lead him to practice them, having as general objective to understand the linguistic prejudice in high school adolescents, in Santo Amaro, and as a specific objective define the concept of linguistic prejudice, explain the processes of prejudice and the respective myths, and propose a way for a teaching of Portuguese free from prejudice. In short, this research will seek to show how it is necessary to have knowledge and understanding about the cultured norm, so as not to get to the point of practicing a linguistic prejudice. As for the methodology, the research is qualitative, of the type "case

study". The qualitative approach offers three different possibilities to carry out research: documentary research, "case study" research and "ethnographic" research. In this way, we chose the "case study" type. This research took place in two state schools in the city of Santo Amaro, the State Center for Professional Education in Tourism of East Bahia and the Teodoro Sampaio Educational Center. Thus, the interview was made with twenty-four students from two schools twelve in school I and twelve in school II being: six students of the initial grade three girls and three boys, and six students of the final grade three girls and three boys. In short, we conclude that linguistic prejudice is seen as a great social prejudice. In which Brazilian society is the most affected, where social categories suffer great discrimination for being black, poor, homosexual, women. We know that linguistic prejudice is the discrimination we practice against a speaker by the way he speaks.

Keywords: harassment in schools - Santo Amaro (BA); Portuguese language - social aspects - Santo Amaro (BA); sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------------|---|----|
| Figura 1 | Igreja da Purificação | 46 |
| Figura 2 | Lavagem | 46 |
| Figura 3 | Bembé | 47 |
| Figura 4 | Vista frontal do Centro de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano | 48 |
| Figura 5 | Vista frontal do Centro educacional Teodoro Sampaio | 49 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA - Bahia

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEEP- Centro estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano

CETS - Centro Educacional Teodoro Sampaio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

P. Página

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | CAPÍTULO I: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E ASPECTOS TEÓRICOS | 19 |
| 2.1 | DEFINIÇÃO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO | 19 |
| 2.2 | OS MITOS SOBRE A LÍNGUA | 21 |
| 2.3 | A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA SOCIEDADE | 25 |
| 3 | CAPÍTULO II: AS RELAÇÕES ENTRE A LÍNGUA E O PODER | 29 |
| 3.1 | A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE PODER | 29 |
| 3.2 | A LÍNGUA E A IDENTIDADE | 32 |
| 3.3 | ESTRUTURA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL | 34 |
| 4 | CAPÍTULO III: O <i>BULLYING</i> E O PRECONCEITO NAS ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO | 37 |
| 4.1 | ANÁLISE DA DEFINIÇÃO DE <i>BULLYING</i> | 37 |
| 4.2 | TIPOS DE <i>BULLYING</i> NAS ESCOLAS | 39 |
| 4.2.1 | <i>Bullying</i> físico | 39 |
| 4.2.2 | <i>Bullying</i> verbal | 39 |
| 4.2.3 | <i>Bullying</i> escrito | 39 |
| 4.2.4 | <i>Bullying</i> social | 40 |
| 4.2.5 | <i>Bullying</i> sexual | 40 |
| 4.2.6 | <i>Bullying</i> material | 40 |
| 4.2.7 | <i>Cyberbullying</i> | 40 |
| 4.3 | CONSEQUÊNCIAS DO <i>BULLYING</i> NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM | 41 |
| 5 | CAPÍTULO IV: METODOLOGIA E ANÁLISES | 45 |
| 5.1 | LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DA CIDADE DE SANTO AMARO | 45 |
| 5.2 | AS ESCOLAS DA PESQUISA | 47 |
| 5.3 | METODOLOGIA | 49 |
| 5.4 | OS DADOS E AS ANÁLISES | 51 |
| 6 | CONCLUSÃO | 55 |
| | REFERÊNCIAS | 57 |
| | ANEXOS | 61 |

1 INTRODUÇÃO

Todas as sociedades humanas possuem uma língua. Essa língua pode-se manifestar por meio da fala, por escrito ou por sinais. A língua é dinâmica e varia à medida que a sociedade varia. A língua é um fato de natureza sociocognitiva morando no cérebro de cada membro da sociedade, precisando de ser ativada por meio de interações sociais que interligam a língua, a cultura e o meio ambiente.

É com a língua que estabelecemos interações socioculturais criando modos de vida que nos particularizam e fazem com que haja uma identidade própria. Silva e Timbane (2020) afirmam que as línguas são capazes de revelar o homem e suas convicções ao mundo, são capazes de buscar nuances dos entendidos e mal entendidos. A interação social, de acordo com Silva e Timbane (2020, p.34) é fundamental para a existência humana, pois o homem só sobrevive em comunidade porque consegue se relacionar com seus pares, caso contrário não suportaria a solidão e possivelmente acabaria por se extinguir do universo social.

Todas as sociedades, por mais que sejam isolados do mundo possuem uma língua e é com ela que transmitem informações, conhecimentos e sentimentos de aspectos da sua vida cotidiana, incluindo da cultura. Por isso, que Mingas (2021, p.377) debate que

toda a língua é produto de uma comunidade social específica e, enquanto veículo viabilizando as interações comunicacionais entre os membros dessa comunidade, é com ela e, através dela, que as sociedades não só partilham conhecimentos, sentimentos e ambições comuns, como também, conformam um saber geral endógeno, através de textos orais e escritos.

Na perspectiva da Mingas (2021) fica claro que a língua é um instrumento de identidade. Por meio dela, identificamos o pertencimento social e cultural do falante. Para além disso, é possível identificar o grau de escolaridade, o sexo assim como o grau de conhecimentos da sua cultura porque tudo isso se impregna na língua. Assim, “os valores culturais presentes no interior de cada comunidade linguística são fundamentais para ressignificar o mundo ao sujeito, significando o sujeito às demais comunidades existentes no mundo.” (SANTOS, TIMBANE, 2020, p.62).

A nossa sociedade está cheia de preconceitos e que muitos deles afetam a saúde mental, emocional dos cidadãos. Bandeira e Batista (2002, p.129-130) afirmam que o preconceito pode advir: (i) das abominações do corpo (as várias

deformações físicas); (ii) das culpas de caráter individual percebidas como vontade fraca, paixões, tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidades...vícios, alcoolismos, homossexualismo, etc. e (iii) dos estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de uma linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

As autoras acrescentam que “todos esses estigmas são de uma forma ou de outra expostos pelo(s) indivíduo(s) nos processos de socialização e nas interações sociais. Desses processos e contatos sociais decorrem medo, vergonha, humilhação, impureza, contaminação, etc.” (BANDEIRA, BATISTA, 2002, 130). Entre os jovens é mais notável e as escolas são espaços incubadores desses comportamentos lastimáveis. Por isso seria importante que a escola tivesse o cuidado redobrado.

De acordo com Coelho et al. (2015), (a) todas as línguas humanas são sistemas heterogêneos e a heterogeneidade é ordenada; (b) existem variações de natureza externa às línguas regionais, sociais, estilísticas; (c) as variações linguísticas são condicionadas tanto por fatores externos à língua como por fatores internos; d) a mudança pode ser acelerada ou retardada devido à avaliação social atribuída pelos falantes a certas variantes.

É com a língua que tornamos as nossas ações legítimas, certas ou erradas, juramos, fazemos acordos e desacordos, reclamamos dos nossos direitos. Por isso é importante discutir questões da língua, especialmente o preconceito linguístico em jovens das escolas. As pessoas não falam da mesma maneira, há diferença na fala de homens e de mulheres, há diferenças entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, há diferenças entre pessoas escolarizadas ou não, entre pessoas que moram na cidade e na área rural, tal como Coelho et al. (2015) abordam na obra “para conhecer sociolinguística”.

O preconceito no geral se manifesta entre pessoas de níveis sociais diferentes, entre idades diferentes, entre culturas diferentes ou ainda entre gêneros diferentes. Por exemplo, “a mulher deve falar ‘como se deve’, deve-se ater à norma e não se mostrar independente. A mulher deve ser um objeto agradável, ‘eufônico’. O homem pode ser rude, pode variar seu estilo (...)”. (PARATESI, 1991, p.73-74). De acordo com Bandeira e Batista (2002, p.138), o preconceito:

É a valoração negativa que se atribui às características da alteridade. Implica a negação do outro diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. Mas isso indica que o preconceito é possível onde existe uma relação social hierárquica, onde existem comando e subordinação e racionalização do outro.

Sabe-se que o preconceito linguístico é todo ato de valor negativo utilizado para discriminar a forma de falar do outro que possui um mesmo idioma. Com isso a nossa sociedade tem praticado o tempo todo, o preconceito linguístico causado pelas imprecisões e desconhecimento das consequências deste preconceito. De acordo com Bagno (2007), “os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo” (BAGNO, 2007, p.75).

A nossa sociedade tem manifestado o tempo todo preconceito linguístico causado pelas imprecisões e desconhecimento das consequências desse preconceito. A escola deveria ser o espaço de combate desse preconceito, enraizada na sociedade, daí que se questiona/problematiza: Como se manifesta o preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro? Os alunos do ensino médio manifestam atitudes preconceituosas por meio de *bullying*. Os adolescentes não toleram os falares diferentes da sua região, neste caso falar diferente, em Santo Amaro (BA). O preconceito linguístico se manifesta em adolescente por falta do conhecimento de que não existe falares melhores que outros.

Com isso, é possível destacar nesta pesquisa como é manifestado o preconceito linguístico entre adolescentes, em Santo Amaro (BA), buscando compreender quais as causas que o levam a pratica. A pesquisa tem como objetivo geral compreender o preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro (BA), e como objetivos específicos, a pesquisa visa (i) definir o conceito de preconceito linguístico; (ii) explicar os processos do preconceito e os respectivos mitos; e (iii) propor caminho para um ensino do português livre do preconceito. Esta pesquisa procurará mostrar como é necessário ter conhecimento e compreensão do preconceito sobre a norma culta, para não chegar ao ponto de praticar um preconceito linguístico.

O tema preconceito linguístico em adolescente do ensino médio em Santo Amaro (BA) foi escolhido para ser abordado, porque nos deparamos muito com

preconceito na nossa sociedade, começando principalmente nas escolas e estendendo-se para instituições e espaços de trabalho. Há pessoas que são excluídas em entrevistas de emprego só porque têm um sotaque diferente do entrevistador. Isso é preocupante. Há profissionais que não conseguem integrar no mercado de emprego justamente porque o seu sotaque ou variedade são indesejáveis.

O preconceito linguístico é o comportamento que um indivíduo usa para discriminar a maneira de falar do outro, sendo um tema muito complexo estando associado aos aspectos socioeconômicos, culturais, no qual para a sociedade culta o português não padrão da população da classe baixa é visto como sinônimo de burrice e merecendo exclusão.

Ao longo dos anos, cada vez mais o preconceito linguístico vem chamando a nossa atenção pela a importância de sua conscientização, sendo ainda um tabu entre as sociedades. O preconceito vem fazendo parte entre os adolescentes do ensino médio, no qual está sendo manifestado principalmente pela a sociedade culta, onde acredita que somente a fala padrão é correta, onde falantes não aceitam a variação linguística de sua região, no qual a falta de um ensino básico em zonas rurais vira motivo de rejeição junto com a falta de compreensão, do conhecimento da gramática normativa levando com que esses adolescentes não aceitem que não existem falares diferentes.

Porém é importante ressaltar que a gramática normativa é um conjunto de regras do uso do português, mas não significa que todos devem se basear nela, pois a língua está em constante variação, onde cada região tem seu dialeto (*langue*), cada pessoa tem sua língua materna e a sua forma particular de uso (*parole*).

Quanto a metodologia será uma pesquisa qualitativa, do tipo “estudo de caso”. A abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, a pesquisa do “estudo de caso” e a pesquisa “etnográfica” (PRODANOV, FREITAS, 2013; FLICK, 2009). Desta forma, escolhemos o tipo “estudo de caso”.

Sendo assim, a entrevista foi feita com vinte e quatro estudantes de duas escolas, sendo doze (12) na escola I e doze (12) na escola II. Desta forma, seis alunos da série inicial três (3) meninas e três (3) meninos, e seis (6) alunos da série final três (3) meninas e três (3) meninos. Esta pesquisa aconteceu em duas escolas estaduais da cidade de Santo Amaro (Bahia): o Centro Estadual de Educação

Profissional em Turismo do Leste Baiano (Figura 4) e o Centro Educacional Teodoro Sampaio (Figura 5). As entrevistas realizadas com os alunos tiveram autorização das coordenações das escolas em estudo. Os alunos que aceitaram participar da entrevista não assinaram nenhum Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Os alunos participaram voluntariamente e a entrevista foi feita no espaço escolar. As entrevistas foram gravadas e organizadas para análise. Os alunos foram entrevistados individualmente porque as entrevistas em grupo trariam influências desnecessárias e comprometedoras para os resultados. Foram feitas seis perguntas para cada estudante.

Para além da introdução, a monografia se divide em cinco (5) capítulos. O primeiro oferece debates iniciais sobre o preconceito linguístico buscando o conceito, os mitos de acordo com Marcos Bagno (1999) argumentando a relevância da língua na sociedade. Seguidamente, a monografia analisa as relações entre língua e o poder buscando debater as questões da identidade linguística que são essenciais para as relações entre a língua e sociedade (Sociolinguística). Seguidamente, o capítulo quarto analisa os tipos de *bullying* e debate a relevância deste debate para o combate ao preconceito linguístico. O quinto capítulo aborda a metodologia e análises, o que contribuiu para a obtenção de conclusões.

2 CAPÍTULO I: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 DEFINIÇÃO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Sabe-se que a língua é viva, e vive impulsionada pela variação constante, que está sempre em movimento à medida que a sociedade muda. A variante é definida como as diferentes formas de falar da mesma palavra sem mudar o significado. Ressaltando que a falta de conhecimento, fez essa variação virar “um bicho de sete cabeças” na vida das pessoas, o que dá espaço para materialização do preconceito linguístico.

Para o escritor Marcos Bagno, esse preconceito vem sendo alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornais e de revistas, em livros e em manuais que pretendem ensinar ou mostrar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (BAGNO, 1999, p.13).

Em primeiro lugar, nos perguntamos o que é preconceito linguístico, como se pratica, quais consequências ele causa, como o evitar? Primordialmente o preconceito linguístico é a forma de não aceitar a fala do outro. Temos um vício enorme de dizer que várias ‘pessoas falam errado’ porque não falam da mesma forma que nós. Assim, para o professor Marcos Bagno “como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social” (Bagno, em entrevista à União Nacional dos Estudantes). O linguista acrescenta que rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade a qual ela faz parte.

Podemos perceber que a língua é feita também de opressão e fonte de preconceito pelas classes altas, que não aceitam as variedades linguísticas e regionalismos das classes mais baixas, que fogem das normas cultas e são consideradas “erradas”. O preconceito linguístico é não aceitar a fala, o modo da outra pessoa de se expressar.

As diferenças regionais, dialetos, regionalismos, gírias e sotaque são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais, culturais de determinados grupos. Na obra “Preconceito Linguístico: o que é, como

se faz” (1999)¹ o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno aborda sobre os diversos aspectos da língua bem como o preconceito linguístico e suas implicações sociais.

Segundo o autor (1999), não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e que o preconceito linguístico é gerado pela ideia de que existe uma única língua norma correta (baseada na gramática normativa) e que esta ideia colabora com a prática da exclusão social. No entanto, devemos lembrar que a língua é mutável e vai-se adaptando ao longo do tempo de acordo com as ações e práticas dos falantes.

Hoje em dia, nós lidamos com vários tipos de preconceitos, entre eles, o racial, o cultural, o socioeconômico, o regional e o linguístico. Segundo a fala do linguista Marcos Bagno à PNAIC UFSCAR-entrevistas (2006, PNAIC UFSCAR-entrevistas) o preconceito linguístico pode ser explicado como qualquer tipo de atitude que leva uma pessoa a discriminar o outro pelo modo do qual essa pessoa fala. Portanto, é exatamente essa ignorância manipuladora da sociedade culta que valorizam somente a gramática normativa como a correta. Não é por acaso que adolescentes de classe baixa, de uma educação básica e nordestinos são considerados burros e que não sabem falar o português correto.

De acordo com Bagno (1999) não é só em Portugal que se fala bem o português. Pensar que só em Portugal se fala bem português é uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola (BAGNO, 2007, p.23). Na verdade, acontece que o nosso português (português brasileiro) não segue na plenitude as regras gramaticais de Portugal. Com isso, este preconceito vem sendo manifestado dentro das escolas, ruas, através dos meios de comunicações como TV, rádio, jornal, revistas, despertando esta atitude utilizando somente uma linguagem formal onde iludem os que não têm o privilégio de ter uma boa educação, de que só a gramática normativa oferece.

Como sabemos, o Brasil é um país muito diversificado composto por povos indígenas, africanos, europeus, asiáticos e que cada povo com suas tradições/culturas de origem incluindo línguas, crenças, porém, além desses elementos a questão racial. A Geografia também ajudou a influenciar muito na

¹ Ebook: https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf

diversidade do nosso país, causando grande variação linguística distribuída por várias regiões, onde traz consequências como a exclusão social, o desemprego. Quando adolescentes nordestinos viajam para outras regiões do Brasil sofrem chacota por causa do sotaque e vocabulário característico (*oxente, pranta*).

Os falantes que usam gírias também sofrem preconceito linguístico e isso tudo ocorre devido a ideia de que existe somente uma forma de usar português que é superior às outras formas de uso, a chamada norma culta (BAGNO, 2007).

De acordo com Bernardo (2021, p.22) “a escola tem sido vista como a promotora de exclusão dos vários grupos sociais cuja língua que os representa é a nacional, o que distancia os valores sociológicos, culturais com a finalidade de desagregação da sociedade angolana, dos indivíduos que não têm o português como a língua de comunicação”. Por isso a necessidade de formação de professores nesta temática para que seja discutido com os alunos em sala de aula.

2.2 OS MITOS SOBRE A LÍNGUA

Os processos neológicos são a prova da dinamicidade da língua e esse processo resulta na variação linguística. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie “de preconceito positivo”, que também se afasta da realidade. A mitologia do preconceito linguístico faz uma comparação pela luta constante dos tipos diversos de preconceito, alegando que os mesmos não têm fundamentação racional.

A Sociolinguística prova que no mundo, não existe nenhuma língua uniforme e homogênea, mas sim, uma língua viva, heterogênea, com variações em todos os níveis estruturais, e em seu uso social. (LABOV, 2018, CEZARIO, VOTRE, 2009; COELHO et al., 2015). É que a língua é uma construção social e é a sociedade que adapta e ajusta de acordo com a realidade, por isso, o português do Brasil não apresenta uma unidade. Os baianos não falam como cariocas, os mineiros não falam como paulistas e assim em diante. Isso mostra a variabilidade da língua que deve ser respeitada sem que haja quem despreze a variedade do outro.

O português brasileiro, apresenta então, grande variabilidade e diversidade, sendo em torno de 180 línguas indígenas (RODRIGUES, 2005, 2013) para além de

outras de origem asiática e europeia faladas por cidadãos imigrantes e descendentes. De acordo com Rodrigues (2013) “no Brasil reconhecem-se 42 famílias linguísticas genéticas, dez das quais constituem o tronco Tupi e outras doze que integram o tronco Macro-Jê.” Essas línguas interferem no português e fazem com que o português tenha peculiaridades nas regiões onde essas línguas indígenas são faladas. Para além das línguas indígenas, o português do Brasil também foi e é influenciado pelas línguas africanas, europeias e asiáticas.

O português falado em Portugal é diferente do português falado no Brasil. O que acontece é que o Brasil foi colonizado por Portugal, então por imposição da política linguística (Constituição Federativa do Brasil de 1988, Art.13º) se fala português. Há diferenças na fala dos brasileiros e portugueses porque cada variedade tem a sua identidade. Os estudos de Saguete (2018) analisam questões de educação bilíngue e descreve que ainda há obrigatoriedade de uso de gramáticas do contexto europeu. O autor critica a ideia da imposição da gramática de Portugal e que se baseia no “certo” ou “errado”, até porque uma língua possui variedades que poderiam ser respeitadas. Santos e Timbane (2020, p.34) falam da identidade linguística e argumentam que a “identidade linguística é moldada pela intervenção dos membros da comunidade linguística em comunhão com o sistema suposto vigente em seu meio.” Não se trata de saber mais que o outro, não se trata de saber mais que outro. Apenas estamos falando da variabilidade da língua que se liga a identidade.

Concordamos com o fato de que o brasileiro sabe falar português, mas à sua maneira, na maneira como a sua comunidade se comunica. Essas diferenças ficam mais evidentes no que diz respeito a língua falada, que muitas vezes, se torna incompreensível em nível do léxico. Por exemplo, há regiões do Brasil que conhecem **pão francês**, outros conhecem **pão de trigo**, outros conhecem **cacetinho** e outros conhecem **filãozinho**. (COELHO et al., 2015, grifo nosso). Trata-se de várias palavras para o mesmo referente. Nenhuma daquelas palavras é melhor que as outras. A variação regional “está associada, algumas vezes, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizadora” (COELHO et al., 2015, p.39).

Por outro lado, todas línguas não são difíceis para os seus falantes. É um mito pensar desta forma. A criança aprende a língua com os pais e depois reproduz as regras aprendidas, sem mesmo conhecer a terminologia científica. Não existe

uma língua difícil. Não existem línguas complexas. Tudo depende da forma como pretende analisar. Os falantes de português como língua materna falam sem nenhum esforço porque iniciam desde aos primeiros anos de vida. Naciri e Mota (2021), num congresso realizado no “I **Seminário Internacional VariaR**: o ensino do português no mundo” explicam que em Marrocos tem várias línguas autóctones, mas também tem outras estrangeiras que são aprendidas na escola. Por exemplo, a Dra. Naciri tem a língua berbere como língua materna, mas também aprendeu o árabe e o francês, o que nos leva a concluir que aprender uma língua não é difícil. Depende do interesse de quem deseja aprendê-la.

Todo falante nativo de uma língua, sabe como empregá-la com habilidade em seu cotidiano. O preconceito linguístico ocorre quando as práticas do ensino-aprendizagem do português “se esforçam no sentido de combater a presença de traços linguísticos das línguas nativas, por considerá-las como elementos contaminadores da prática do português.” (SAGUATE, 2017, p.150). De acordo com Bagno (2009), a língua não pode servir para exclusão social. As pessoas não poderiam ser penalizadas por usar a sua variedade porque como dissemos, ninguém fala melhor que o outro e assim não pode nem deve surgir “um policiamento injustificado contra os usos mais brasileiros do português, uma vontade de atingir uma escrita idealizada, que não deixa transparecer as formas linguísticas que o próprio falante no seu dia a dia.” (BAGNO, 2009, p.49).

Uma língua é uma soma de variedades. Pela visão do preconceito linguístico, qualquer manifestação da língua fora do triângulo escola-gramática- dicionário é considerada errada. Vejamos a seguinte frase: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão.” O que acontece em Maranhão é que existe uma variedade apenas, tal como existira em qualquer estado ou cidade brasileira. Devido a variação que acontece em toda comunidade linguística, toda língua não é falada do mesmo jeito em todos os lugares, e nem do mesmo jeito o tempo todo. Existem os sotaques de cada região que permitem que a mesma palavra seja pronunciada de formas diferentes. E

Por outro lado, a escrita é importante e é ensinada pela escola. A escrita é outra modalidade que possui característica bem peculiares. De acordo com Wasse e Timbane (2021, p.241) “a escrita é um conjunto de códigos, de símbolos convencionados que permitem representar a língua, na modalidade escrita. O alfabeto é um conjunto de signos num sistema de escrita”. Os autores acrescentam

que escrever é uma arte da criação. Quem não sabe escrever fica penalizado porque a escrita é Lei, é autoridade e que os infratores são penalizados e constrangidos de todas as formas: reprovação, perda de emprego, etc. Tudo isso se relaciona com preconceito e discriminação que está sendo discutido no presente trabalho.

Marcuschi (2010, p.27) mostra que a língua escrita é descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada e completa. A escrita é um “modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizada por sua constituição gráfica.” (MARCUSCHI, 2010, p.26). Que fique claro que a “a escrita não representa a fala”. (CAGLIARI, 2009) e sempre a escola leva o aluno a pensar que a linguagem correta é a escrito. Isso não corresponde à verdade porque uma língua resulta de uma soma de variedades. Cagliari defende que a linguagem escrita “é por natureza lógica, clara, explícita, ao passo que a linguagem falada é por natureza mais confusa, incompleta, sem lógica, etc.” (CAGLIARI, 2009, p.32).

As escolas têm a tarefa de desenvolver metodologias que possam ensinar a escrita de forma sistemática sem estressar os alunos. Por exemplo, todas as provas e exames são escritos. Para a escola a única forma de avaliar a aprendizagem do aluno é a escrita. Isto não constitui verdade porque os estilos de aprendizagem e as habilidades variam aluno para aluno. Coelho e Timbane (2022) argumentam que O professor precisa saber que no processo ensino-aprendizagem deve ser explorado todos os campos, tanto da língua escrita como da língua falada. Por outro lado

As aulas do ensino da escrita não podem ser confundidas com as aulas da língua portuguesa e os professores devem saber separar esses dois aspectos. Os Professores devem saber distinguir uma atividade da escrita de uma atividade do ensino da leitura, visto que, há uma diferença bem grande entre a língua falada e língua escrita, elas são duas modalidades bem distintas e seguem um processo bem diferente quanto ao ensino-aprendizagem (COELHO, TIMBANE, 2022, p.24).

Os autores chamam atenção para que o preconceito e a exclusão não aconteçam em sala de aula, pois essa atitude pode contribuir para a formação de analfabetos funcionais.

Afirmar que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” não está correto. Ninguém fala sem o uso da gramática. Uma língua é composta por várias gramáticas. Uma é privilegiada (gramática normativa) e as outras são

desprestigiadas embora corretas e legítimas para a comunidade de fala. Essa afirmação é comum entre professores de português. A ideia é divulgada em gramáticas normativas, porém não condiz com a realidade. Um exemplo disso são os grandes escritores que não tem domínio da gramática normativa e afirmam tal fato, assim como os gramáticos não são necessariamente bons escritores. O que leva a uma boa prática escrita são a leitura e escrita por parte do aluno, a fim de formar um ser letrado para a sociedade contemporânea.

Há registros históricos de literatura muito antes de serem criadas as gramáticas normativas. A língua sofre mudanças o tempo todo, é como um rio corrente; já a gramática normativa é como um lago, parado, sem correnteza. Ou seja, a gramática está submissa à língua que é cheia de fenômenos e vive se renovando, enquanto a gramática normativa sofre tais alterações lentamente. Por isso a língua oral se foca mais para o futuro, aponta para a evolução da língua enquanto a escrita foca no passado, no registro.

A sociedade acha que “o domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social”, mas isso não corresponde a verdade. A norma-padrão não é o responsável pela ascensão social, quer dizer, ocupantes do topo da pirâmide social nem todos a conhecem. Será que os professores tiveram ascensão social? um fazendeiro rico, praticamente analfabeto, mas dono de milhares de cabeças de gado, indústrias agrícolas, e influente na política de sua região é conhecedor da norma-padrão? Esta reflexão nos mostra que falar naturalmente, sem dominar a norma-padrão deve ser incentivando, deixando a norma-padrão para momentos específicos da comunicação. De que adianta o domínio da norma-padrão, se ao menos o cidadão não tem acesso à água encanada, rede de esgoto, luz elétrica e um lugar decente para morar? É necessário acesso à educação no âmbito geral, e condição de uma vida digna de um cidadão merecedor de todo respeito. Todos precisamos ter uma boa educação sem preconceito de qualquer tipo.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA SOCIEDADE

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) em seu Art.16º defende que “todo o membro de uma comunidade linguística tem direito a exprimir-se e a ser atendido na sua língua, nas suas relações com os serviços dos poderes públicos ou das divisões administrativas centrais, territoriais, locais e

supraterritoriais aos quais pertence o território de que essa língua é própria”, incluindo nos hospitais (BERNARDO, TIMBANE, 2020).

Sabe-se que a língua é a base principal para nos relacionar com os outros, é através dela que damos início a nossa identidade. Portanto, a mesma tem função primordial, a de permitir a comunicação entre os seres humanos e por meio deste vínculo linguístico é que são estabelecidas às relações sociais, de modo prático a língua da origem e sustentabilidade a uma sociedade. O ser humano é um ser comunicativo por natureza. Naciri e El Ahib (2022, p.79) argumentam que “a língua, considerada como meio de expressão de ideias entre os seres humanos e, portanto, um meio de comunicação, adota em certas comunidades linguísticas posturas diferentes.”

Por outro lado, a sociedade deve entender e respeitar a língua e suas nuances, ou variantes linguísticas. Desde pequeninos aprendemos nossa língua materna, e vivemos em sociedade, então uma está entrelaçada a outra, sendo que a língua é de grande importância para podermos viver em sociedade. De lembrar que a língua precisa do elemento “sociedade” para que seja aprendida e conhecida. Com isso queremos dizer que criança que cresce isolada não pode aprender a língua sozinha. O “Mogli - o menino lobo” é um exemplo que mostra a relevância da sociedade para formação da identidade linguística do indivíduo.

Há uma relação direta e indissociável entre sociedade e a língua que não permite que se pense em indivíduos vivendo conjuntamente sem o estabelecimento de comunicação entre si e, da mesma forma, não é possível a comunicação sem que haja uma convenção social a respeito dessa comunicação, o que chamamos de língua.

Assim, podemos entender que a língua é tão importante para sociedade porque a linguagem é o maior recurso que o ser humano possui para alcançar tudo quanto mais deseja na vida. Por isso cada pessoa depende da linguagem para viver em sociedade, pois ela é a base da cultura e dificilmente haveria civilização se não fosse o emprego da linguagem e o poder das palavras. É através delas que influenciemos e provocamos as mudanças, quase sempre, necessárias para construir uma vida melhor.

O linguista francês Louis Hjelmslev (A Gazeta do Acre, 2014), ao falar sobre a linguagem, diz que ela é ferramenta, um espelho, um lugar, uma vez que é uma (i) **ferramenta** por ser veículo de comunicação; é um (ii) **espelho** por refletir e traduzir

o ser humano que se revela pela linguagem que utiliza; é um (III) **lugar** porque reflete a pessoa no meio físico-social onde vive. Muitos acreditam que o que move o mundo é o dinheiro, os bens materiais que tanto atraem as pessoas ou até mesmo a busca pelo prestígio e poder. Tudo isso é muito importante ser considerando porque mexem com a verdade e com o comportamento humano. Porém o que mais é capaz de provocar mudanças, transcender teorias e transformar o mundo é, de fato, a linguagem. É com linguagem que negociamos, que convencemos o outro em nosso favor, que buscamos consensos e procuramos estabelecer a paz e harmonia.

O escritor Joseph Jaworski (A Gazeta do Acre, 2014) diz que “é através da linguagem que criamos o mundo, porque ela não é nada até que o descrevemos”. E quando o descrevemos, criamos distinções que governam as nossas ações. Dito de outra forma, a linguagem não descreve o mundo que vemos, mas vemos o mundo que descrevemos. A linguagem é um mecanismo que faz parte da natureza do ser humano, que possui a necessidade natural de se agrupar em sociedade, a fim de realizar seus objetivos.

Por outro lado, a escrita é artificial, é uma Lei, usa um acordo que deve ser respeitado por todos sem exceção. A escrita segue um acordo e a fala não tem nenhum acordo. A escrita “é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo.” (HIGOUNET, 2003, p.10). De acordo com Cagliari (2009, p.74), a variação linguística “provém não apenas da evolução histórica das línguas e de suas raízes locais, geograficamente delimitada, nem só aparece na sociedade estratificada à maneira das classes sociais e grupos étnicos.”

A variação linguística não pode ser entendida como **erro**, como **desvio**, como **falha**. Entendamos variação linguística como “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial /representacional, isto é, com o mesmo significado”. (COELHO et al. 2015, p.16). Os autores defendem que a variação impulsionada por forças vindas de dentro e de fora da língua. A variação dentro da língua pode ser observada nos aspectos: lexical, fonológica, morfofonológica, sintática, discursiva. Por outro lado, a variação vista por fora pode ser observada por meio das diferenças regionais/geográficas, sociais, estilísticas, da fala e da escrita entre outras. (COELHO et al., 2015).

Portanto, para o linguista Marcos Bagno um dos mitos do preconceito linguístico é que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social, ou seja. Se o conhecimento da norma culta, fosse verdadeiramente um exemplo de poder na sociedade, os professores estariam em primeiro lugar na pirâmide social, econômica e política do país (BAGNO, 2007).

Assim não podemos julgar nenhum falante por não ter boas habilidades com a linguagem culta, pois a grande culpa deste preconceito todo vem de elementos viciosos como a gramática tradicional, livros didáticos, e o ensino tradicional que não são claramente diretos no papel de cumprir sem preconceito o ensino da fala e escrita da língua padrão. Para Bernardo (2021, p. 28) “a escola carece de ensino mais contextual, onde a língua e a cultura do aluno sejam integradas de formas a devolver a responsabilidade da família fazer parte da formação do seu filho”. Por fim, as escolas deveriam estabelecer um modelo de ensino que não leve para a escola a metodologia de que existe só uma forma correta de falar é a mesma da escrita, aceitar que cada aluno tem seu jeito de falar, sua crença, ensinar que a língua é uma variante constante, no qual tem que ser ensinada um português livre de preconceito.

3 CAPÍTULO II: AS RELAÇÕES ENTRE A LÍNGUA E O PODER

3.1 A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE PODER

Como sabemos a língua é um elemento que utilizamos para nos comunicar, e é através dela que é criada a identidade de um indivíduo. Tendo a língua como mecanismo da comunicação passamos por vários momentos destinados a língua dentre eles a variação linguística, diferentes dialetos, o preconceito linguístico, entre outros. Mas, como podemos ver a língua como um instrumento de poder? Embora, língua e poder são como dois fatores que andam interligados um ao lado do outro, o poder não existiria se não tivesse a língua, e a língua não seria tão sucinta se não tivesse o poder. A língua sempre vem sendo um elemento de auto reconhecimento social, tendo várias formas de poder como cultural, e poder legítimo.

Para Bagno (Une, 2014) defende que a língua também é utilizada como um instrumento de opressão e fonte de preconceito pelas elites, que não aceitam as variedades linguísticas e regionalismo das classes mais baixas, que fogem da norma culta e são consideradas “erradas”. Entretanto, com todas essas atitudes surge o preconceito linguístico no qual as pessoas de baixa renda são as mais afetadas tendo várias consequências como o desemprego, a exclusão social, a imigração entre outros.

Porém, já o linguista Pierry Bourdieu (1996) acreditava que a língua exercia poderes dentro da sociedade ensejando em segregações de cunho linguístico e também social. Ou seja, a língua tem várias maneiras de ser conduzida na sociedade, sendo na escola onde é um dos principais meios de formação de falantes da língua, na sociedade onde convivemos também é uma forma de como a língua é manuseada.

Enfim, o poder da língua tem uma grande importância de selecionar na sociedade seus falantes corretamente social e linguisticamente. A mesma é tão poderosa que existe um poder coercitivo, ou seja, um poder que explora o medo, tem autonomia, na qual cria os indivíduos em que se refere à linguagem e ao comportamento social. O poder da língua possui vários aspectos que caracterizam a sua validade do que é transmitido. Assim Bourdieu (1996) classificou esse aspecto como capital linguístico onde ocorre uma corrente entre a língua e o poder.

Sendo assim, o poder possui um grande impacto na vida das pessoas, como por exemplo, o poder exige que o falante tenha um bom desempenho com a língua culta para concorrer uma vaga de presidente de uma empresa nomeada, pois se ele não tiver um bom domínio com a língua culta não vai conseguir ocupar esse cargo, porque um representante de uma empresa nomeada tem que se expressar muito bem, ter uma linguagem clara, pois, jamais uma empresa sucedida vai contratar um empregado que não tenha um conhecimento aprimorado para lhe representar.

Então, sofremos com esse tipo de pressão que o poder nos transmite. O poder dá oportunidades, abre caminhos para os falantes da língua culta, e os falantes que não tiveram chances de ter um bom estudo, ter acesso a gramática tradicional, o poder o massacra, não lhe dá acesso de conseguir um bom emprego, ou ainda pode ser excluído em diferentes círculos da vida em sociedade (SANTANA, TIMBANE, 2022). Porém, por outro lado, o poder deu à língua um espaço para se movimentar, se transformar, ambos com o avanço de novas tecnologias, surgindo novos empregos em países estrangeiros, e com isso, os indivíduos precisam saber se comunicar. A língua se expande, e dá origem a segunda língua, que aprendemos depois da nossa língua materna e esse movimento todo só mostra como a língua é fundamental. As línguas estrangeiras modernas (como o inglês, por exemplo) carregam um poder internacional caminham para uma língua global. (CRYSTAL, 1997).

O poder e a língua vivem interligados, a exemplo disso temos o poder econômico que com seus avanços estão crescendo em países desenvolvidos, e é aí que a língua entra com sua variação constante. Entretanto, com surgimento de oportunidade de empregos em países estrangeiros, os falantes tem que aprender novas línguas, no qual essas pessoas estão se tornando multilíngues que são falantes que conseguem dominar duas ou mais línguas diferentes. Então temos vários fatores que nos comprovam que a língua é um instrumento do poder (TIMBANE, REZENDE, 2016), por que se esses indivíduos não tivessem o domínio da língua jamais eles teriam capacidade de exercer um poder, é uma aliança no qual um completa o outro.

A língua é um instrumento do poder, no qual exerce uma importante função com suas modificações e variações constantes, com a língua sendo instrumento do poder os falantes sofrem por vários tipos de opressão como a falta de oportunidade de emprego, a exclusão em certos lugares, sofrem com o preconceito linguístico. Só

para lembrar que o preconceito linguístico é o ato que algumas pessoas praticam de não aceitar o modo de falar do outro falante.

As políticas sociais ou públicas devem prever a liberdade de expressão do indivíduo comunicar-se na língua materna, língua que melhor domina ou expressa seus sentimentos e ideias (BERNARDO, TIMBANE, 2020, p.278). Esclarecendo muitas pessoas sofrem preconceito linguístico por causa do seu sotaque, dialeto, principalmente os falantes das zonas rurais quando chegam na cidade são motivos de chacotas pelo o jeito de sua fala, dos seus vestimentas, os indivíduos da zona urbana não aceitam o sotaque, o dialeto desses falantes, onde praticam esse preconceito chamando os menos escolarizados de ignorantes, burros que não sabem falar direito.

Sendo assim, indivíduos que teve a oportunidade de ir à escola, tem acesso a linguagem culta esquecem que a língua possui uma grande variação linguística, que cada região, cidade, comunidade tem seu dialeto, seu sotaque, sua maneira de falar, e cabe a todos respeitar, na verdade, todo mundo sabe falar bem, a diferença é que cada um fala de acordo ao meio em que vive, sem contar que nem todos falantes tem a oportunidade de ir à escola, de conhecer a gramática tradicional, ter acesso a língua culta, a maioria dos falantes da classe baixa só tiveram a chance de cursar somente o fundamental I e poucos até o fundamental II, então como podemos julgar esses indivíduos de não ter uma boa escolaridade?

Entretanto, apesar de não ter uma boa educação, um bom estudo jamais podemos tratar esses falantes como burros, pois não existe pessoas burras, apenas existem falta de oportunidades de conhecer as normas da nossa língua. No mundo da língua que vive em extrema modificação, onde com o passar de tempo está em grande transformação, não existindo um falar errado. O que simplesmente existe é um falar diferenciado um do outro, mas quando nos comunicamos um com o outro apesar de um jeitinho um pouco diferenciado estamos falando a mesma língua.

Bernardo acrescenta que “a língua constitui um veículo de identidade do povo e representa o mundo interior e exterior do indivíduo. Esse mundo é regido por normas, valores e costumes que orientam o modo de viver, de estar, de falar, de fazer e de ver o entorno. Língua e a cultura estabelecem relações intrínsecas, isto é, não existe língua sem um determinado povo e o povo sempre terá a sua cultura, aquilo que o identifica.” (BERNARDO, 2019, p.119).

É isso que faz a gente dar a vida à língua, fazendo com que ela se movimente, é através dessa nossa diferença de falar que faz com que a língua seja viva o tempo todo e só basta eliminar o preconceito e apreciar as maravilhas que a língua nos permite aprender respeitando as falas diferenciadas dos outros falantes.

3.2 A LÍNGUA E A IDENTIDADE

A língua ela é viva e está o tempo todo em transformação. Desde quando nascemos até ao crescer, somos habilitados ao desenvolvimento da língua, onde nos permite a interagir com outros indivíduos, pois a língua é o único meio que nos leva a ter uma comunicação verbal com o outro. Ela nos possibilita todas ações e pensamentos humanos, o que nos permite compreender e ser compreendidos pelo outro, o que nos faz ter um papel social, a interagir com o outro, a buscar conhecimentos, a cultura, e nos permite sermos cidadãos políticos e ideológicos.

De acordo Barkhtin (2013), a linguagem é um instrumento que permite ao homem expressar-se e interagir com o outro. Ela é viva, uma vez que “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta”. (BAKHTIN, 1997, p124). Portanto, podemos dizer que a língua faz parte da estrutura social e é através dela que indivíduo assume um lugar na sociedade. Seria importante que a sociedade valorizasse porque toda a língua tem valor para a sua comunidade. A título de exemplo, Naciri e El Ahib (2023) demonstram como o francês sofre o processo de **arabização** (p.83) em Marrocos, quer dizer, o contato entre a língua do colonizador e das línguas locais provoca interferências que resultam no surgimento de uma nova variedade. Então, no Brasil e nos restantes países de língua portuguesa, a situação é a mesma porque a língua viva tende a ser dinâmica à medida que a sociedade varia.

É nesse processo linguístico que se determina o que somos e qual é a nossa identidade, ainda que cada indivíduo possua especificidades próprias, mas essa identificação depende de fatores sociais, pois a nossa identidade não é definida como homogênea e está sempre em construção junto com o mundo que está sempre em desenvolvimento. A língua vive interligada com a identidade porque não existe cultura sem língua, portanto podemos dizer que a língua é a mãe da identidade porque é através dela que conseguimos nos conectar com a sociedade.

Segundo Oliveira (2006), a língua exerce papel fundamental na constituição da identidade de um povo, pois, os falantes se expressam por meio da linguagem. É através da linguagem e na linguagem que o indivíduo constrói sua identidade (RAJAGODALAN, 2006). Porém, a língua está o tempo todo em movimento e como vantagem disso estamos sempre buscando novas identidades, como a segunda língua que definimos como a língua que aprendemos depois da primeira língua.

É desde pequenos que temos o primeiro contato com a língua junto com nossos pais, irmãos e outros familiares em casa e com a nossa comunidade, era esses primeiros contatos que fazem com que essa nossa língua seja chamada de “língua materna”. Salientando que muitas identidades vêm sendo renovadas através dos estrangeirismos e empréstimos que são palavras vindas de outros idiomas para a língua portuguesa como exemplo *shopping center, e-mail, flash, piercing, funk, marketing, pendrive, blush*, onde indivíduos utilizam essas linguagens para abrir um negócio, dialogar, viajar entre outros. Os jovens e adolescentes estão em permanente contato com as tecnologias e termos de línguas estrangeiras. Sendo assim, há diversos termos usados por estas faixas etárias.

Sabendo que a língua é um instrumento da comunicação, ela tem milhares de anos, mas sempre está se transformando e passando por uma variação constante, ou seja, a língua está o tempo todo em movimento, isso ocorre devido aos falantes de um país, de uma cidade, de uma etnia que está sempre inventando ou emprestando palavras novas dando o surgimento de um novo vocabulário. Esse vocabulário vindo de outras línguas não empobrece nem afeta a língua. Aliás, as palavras vindas de outras línguas chegam na língua alvo respeitando as regras dessa língua.

A identidade, de acordo com Silva e Timbane (2020) é o conjunto de características próprias e exclusivas com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes mudando em função da reação social. Através da nossa identidade podemos demonstrar quem somos, a língua que falamos, de onde viemos, nossa classe social, a nossa identificação é a chave principal para construir a nossa história, iniciando com a nossa certidão de nascimento, nossa cultura, religião, crença, ela que nos torna um cidadão, não há ninguém que não tenha uma identidade.

A relação entre a língua e a identidade vem por meio, da identidade de um falante que é feita através da língua, e não podemos distinguir a identidade somente pela fala, mas como também pelas suas roupas, o lugar onde você mora, no seu jeito de andar, sendo assim, a identidade engloba vários elementos para se fazer por inteira. Segundo Silva (2000, p.106) a identificação, por seu turno, é “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou a partir de um mesmo ideal”. Com isso, podemos perceber que para se ter uma identificação temos um conjunto de aspectos como as nossas origens, culturas, religiões, nossa comunidade entre outros.

Bernardo (2021, p.30) “O ensino-aprendizagem precisa ser libertador e isso só começa a ser possível quando a escola inserir a língua de casa (língua nacional) e sua cultura no sistema de ensino-aprendizagem de formas a reduzir as assimetrias que o monolinguismo escolar impõe. Fica evidente a necessidade de a escola tornar-se aliada da família visto que as duas instituições têm uma missão a cumprir para a formação do homem”

3.3 ESTRUTURA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

O ensino no Brasil é estruturado de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases de Educação (LDB 9.394/1996). Portanto, esta Lei de nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, é a que define a finalidade da educação no Brasil, como devem estar organizadas. A educação básica no Brasil constitui-se do ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio. O ensino médio ou segundo grau corresponde a última etapa da educação básica brasileira, o ensino médio tem duração de três anos e seu principal objetivo é aprimorar os conhecimentos obtidos pelos estudantes no ensino fundamental I e II

No Brasil, o ensino médio, corresponde desde 1996, a etapa do sistema de ensino equivalente a última fase da educação básica. Os estudantes devem ter concluído o ensino fundamental antes de serem autorizados a serem inseridos no ensino médio. A grade curricular compreende as disciplinas de português e as literaturas portuguesa e brasileira, língua estrangeira, espanhol, história, geografia, arte, matemáticas, física, química, educação física e biologia. Embora, o ensino médio no Brasil tenha ganhado um novo formato, com o intuito de adolescentes e

jovens terem possibilidades variadas, buscar novos caminhos, terem grandes facilidades de ingressar no mercado de trabalho, na universidade ou em outros caminhos.

O ensino médio foi criado para estar de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que definiu conteúdos obrigatórios e comuns a todos o país. A lei 13,415 de 2017, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabeleceu mudanças na estrutura do ensino médio. Mas como podemos observar que a educação do Brasil não é uma das melhores, o país passa por uma situação bem crítica, ocupando o 53º lugar em educação, entre os 65 países avaliados (PISA).

Tendo o apoio do programa social que estimulou a matrícula de 98% de crianças entre 6 e 12 anos, 731 mil crianças ainda estão fora da escola de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sem contar que a educação foi muito afetada com a pandemia do novo Corona vírus (Covid-19). Com isso, o número de crianças de 6 e 7 anos que não sabe ler e escrever quase dobrou nesse período. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou dados do analfabetismo entre os jovens, tendo cerca de 2,4 milhões de crianças brasileiras não foram alfabetizadas nesta faixa etária, representando 40,8% do total dos brasileiros dessa idade (Exame 55 anos).

É muito preocupante o analfabetismo no Brasil, pois a alfabetização é a base de todo o conhecimento futuro, porque se esses pequeninos não tiverem a oportunidade de se alfabetizarem como vão dar continuidade à educação, ter um bom estudo, para no futuro entrar no mercado de trabalho. É lastimável ver o nosso país nesta situação tão precária, vendo nossos meninos e meninas, jovens e adultos sem ter acesso à uma educação de qualidade. Muitos alunos (adolescentes e jovens) abandonam a escola para trabalhar, pois têm que ajudar no sustento da família, muitas meninas evadem a escola por causa da gravidez precoce, sendo depois que dão à luz e não conseguem mais voltar à escola. O Brasil ainda tem 40,8% de alfabetismo, de acordo com IBGE (2010).

E com a ausência de uma educação básica temos que deparar com várias consequências como ver vários jovens entregues as drogas, alto índice de desemprego, muitos assaltantes nas ruas, porque não estudam e não conseguem empregos para sobreviver. Este problema é resultado de políticas públicas fracas e

educacionais que não mantém o aluno na escola a tempo inteiro e a ausência de condições nas escolas.

Muitos jovens não acham o apoio da família para estudar muitos pais preferem ver seus filhos indo trabalhar na roça, na feira, limpando um quintal do que na sala de aula, a falta de estrutura física das escolas, falta de professores qualificados, falta de transportes, pois muitos jovens e crianças moram longe das escolas e meros motivos que distanciam essas pessoas de um ensino básico. Esta questão é preocupante num país rico e subdesenvolvido como o Brasil.

Portanto, já que o país tem um alto índice de analfabetos (de 6,6%, 11 milhões de analfabetos), é preciso tomar sérias medidas para tentar minimizar o analfabetismo no Brasil, Para começar, o governo deveria criar projetos educacionais sem custo algum para famílias, mais precisamente nas zonas rurais, incentivando a leitura com doações de livros didáticos, incentivar a escrita entre o público alvo adulto e infantil. Outro elemento é o acesso às tecnologias, cursos profissionalizantes para os profissionais da educação, construções e manutenções das escolas, transportes, entre outros recursos que acolham nossos jovens e crianças nas escolas, pois é a educação que transforma e modifica o mundo para os nossos jovens e crianças com vista a um futuro mais risonho e douradoiro.

Como diz o nosso pai da educação Paulo Freire (2021) “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Isso prova que a sociedade não evolui sem a educação, que sem ela o Brasil nunca vai se desenvolver sempre e vai continuar com grandes taxas de desempregos, aumento de bandidagem. Os nossos irmãos estão na rua e não dentro da sala de aula, como um jovem de hoje (do século XXI) vai ser um doutor, engenheiro no futuro?

As desigualdades na educação e formação se observa na raça. Os negros são os que mais estão fora da escola e sem oportunidades. Cada vez mais a gente sofre preconceito pela nossa cor, classe, religião, passando fome, por falta de oportunidades e esta questão precisa mudar partindo de políticos até chegar à sociedade no geral, por isso temos que mudar esse cenário da educação no Brasil, pois o analfabetismo precisa acabar urgentemente.

4 CAPÍTULO III: O *BULLYING* E O PRECONCEITO NAS ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO

4.1 ANÁLISE DA DEFINIÇÃO DE *BULLYING*

O *bullying* começou a ser estudado no início da década de 1970 na Suécia e na Dinamarca. Na década de 1980, a Noruega desenvolveu grande pesquisa sobre o tema, expandiu os estudos para inúmeros países europeus. Como reflexo desses estudos, o tema chegou ao Brasil no fim dos anos de 1990 e início de 2000. (FANTE; PEDRA, 2000, p.36). Sabemos que o *bullying* está sendo muito praticado dentro das escolas, no qual é uma grande preocupação no meio educacional e social.

Assim, para Cleo Fante (2005, p.28-29) “*bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Os insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupo que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são alguns das manifestações do “comportamento *bullying*”.

É muito assustador esta violência que muitas crianças, adolescentes, jovens vêm sofrendo. Às vezes o *bullying* vem acompanhando com o preconceito que é outro tipo de violência, mas conhecido causador de muito transtorno dentro de uma sala de aula. Entretanto, quem faz *bullying* com o colega, está fazendo uma violência ao outro quando o chama de gordo, seco, cabeça de camarão entre outras difamações², porém o que é mais curioso e preocupante é saber o que motiva uma pessoa a praticar o *bullying* contra um colega? Será que é inveja do colega, chamar atenção da turma, querer ser mais conhecido, sentir-se como um rei, e todos lhe devem obediência, querer um alto poder e obter uma grande e boa imagem de se mesmo, será que o autor do *bullying* tem essas necessidades tão importante para humilhar, ridicularizar seus colegas para se sentir tão superior? As maiorias das

² Calúnia: de acordo com o Art. 138º do Código Penal Brasileiro, caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime: Pena - detenção, de seis meses a dois anos, e multa; Difamação: Art. 139 - Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa. Injúria; Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro: Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

vezes o causador do *bullying* é uma pessoa que não tem um bom convívio familiar, é um sujeito que sente muita raiva, se sente frustrado, triste, e para aliviar toda essa angústia que está sentindo vai atacar o seu próximo de uma maneira tão violenta.

As piadas e os risos também são consequência do preconceito presente na sociedade, especialmente em jovens e adolescentes que são objeto do nosso estudo. De acordo com Fonseca (2012, p.31), “a produção e a reprodução das piadas fazem parte de uma estrutura e de uma conjuntura socioculturais específicas, definidas no tempo e no espaço”. Por isso mesmo, o autor defende que as piadas devem ser interpretadas com base na leitura de seus códigos e por meio da contextualização histórica de suas mensagens, das origens e dos fins sociais que as fizeram emergir dos subterrâneos ou do vértice mais alto da pirâmide social. (FONSECA, 2012).

Segundo Olweus (1993) há *bullying* quando um estudante é vitimizado ou agredido estando exposto repetidamente e ao longo do tempo a ações negativas por parte de um ou mais estudante (denominados *bullies*) tendo como consequência dano e sofrimento aos alvos. Então quando ocorre dentro de uma sala, um estudante sofre por várias vezes, sem motivos, xingamentos, empurrões, apelidos, este indivíduo está sendo vítima do famoso *bullying*. Como deve saber se uma pessoa sofreu *bullying*? A maioria das vítimas que sofreu ou sofrem *bullying* se tornam tímidas, caladas, sem vontade de conversar, têm dificuldades de confiar nas pessoas, ficam agressivas e isoladas. Esses comportamentos variam de pessoa para pessoa, pois cada um tem sua maneira de lidar com esta situação.

Cada vez mais, está sendo bem frequente a prática de *bullying* em salas de aulas, e o professor não consegue decifrar o ato que está acontecendo na sua turma, achando que é só uma brincadeirinha, que foi um ato sem querer, que foi um apelido sem maldade, que era só para descontrair um pouco com um colega. Mas isso machuca e impede o desenvolvimento da aprendizagem do aluno incluindo as relações sociais com os colegas da turma e da escola.

A violência do *bullying* vem acontecendo em espaço escola, mas sem ser percebido, por isso, os educadores devem tomar mais cuidado, prestar mais atenção, chamar a vítima para conversar, para saber se essa ação está ocorrendo com muita frequência ou não. Isso permitirá que o profissional saiba diagnosticar e tomar as devidas medidas caso sejam necessárias.

4.2 TIPOS DE *BULLYING* NAS ESCOLAS

Sabe-se que o *bullying* é um tipo de violência no qual um agressor faz certos atos repetitivamente contra um indivíduo, e essas ações podem ser um apelido, xingamento, empurrões entre outros. O mesmo está sendo um grande vilão nas salas de aulas, tirando a paz dos educadores e estudantes com essa violência tão árdua. Existem vários tipos de *bullying* que acontecem dentro da escola tanto na educação infantil, quanto no ensino médio, os principais tipos de agressão que ocorrem dentro de uma sala de aula são (Sun Software).

4.2.1 *Bullying* físico

É o tipo de *bullying* em que agressões físicas são feitas à vítimas, como por exemplo: socos, pontapés, tapas, puxões de cabelos etc. Esse comportamento pode ter início na educação infantil, e percorrer até o ensino médio, o que torna mais grave.

4.2.2 *Bullying* verbal

Esse nada mais é do que as piadinhas de mau gosto, apelidos por contos de características físicas, ameaças ou fofocas envolvendo o nome das vítimas. Por não ter evidências físicas, como caso anterior fica mais difícil de identificar essa violência.

4.2.3 *Bullying* escrito

Essa violência acontece quando as brincadeiras de mau gosto deixam de ser apenas verbalizadas para se tornarem escritas. Os agressores podem disseminar fofocas e apelidos escrevendo nas portas dos banheiros, em muros, em murais e em outras áreas comuns da escola.

4.2.4 *Bullying social*

Ocorre quando um aluno é privado pelos demais de participar de atividades em grupos, sendo dispensados para fazer trabalhos escolares em dupla ou ficar fora dos times esportivos nas aulas de educação física por exemplo.

4.2.5 *Bullying sexual*

Mais comum com as meninas no final da infância e início da adolescência, esse tipo de *bullying* acontece quando elas desenvolvem o corpo mais rápido que as colegas. Por conta disso, podem sofrer assédio sexual, ouvir piadas e comparações sexualizadas por conta das alterações da sua aparência etc.

4.2.6 *Bullying material*

Esse tipo de *bullying* é o que ocorre quando objetos da vítima são escondidos, sujados, estragados ou jogados em locais inacessíveis. Para os praticantes da violência ele serve para mostrar o seu poder de dominação.

4.2.7 *Cyberbullying*

Finalmente, o *cyberbullying* acontece quando há ameaças, piadas ou gozações que são feitas nos ambientes virtuais como em comunidades nas redes sociais. Trata-se de um dos tipos de *bullying* mais comum de ser observados. Ele também pode evoluir para outros tipos de agressão, como o estupro virtual. Tendo em vista esses aspectos, também devemos ressaltar que alunos que sofrem *bullying* adquirem sérias consequências como transtornos psicológicos, pois ela pode se sentir muito mal a ponto de desenvolver transtornos psicológicos.

Não são raros os casos em que as vítimas desenvolvem depressão, crises de ansiedade ou baixa autoestima, dificuldade na socialização onde sentem medo ou receio de se relacionar com outras pessoas. A vítima pode se tornar mais reclusa e pode ter dificuldades para ir à escola ou frequentar ambientes ou lugares públicos,

baixo rendimento escolar perdendo o interesse pelos estudos, o que acarretará em um baixo rendimento escolar e notas mais baixas nas disciplinas escolares.

Por fim, os professores devem tomar iniciativas junto com a comunidade para tentar solucionar este problema, os educadores devem se aprofundar mais nos estudos para conhecer esse tipo de violência, para quando ocorrer um caso desse em sua sala de aula ele saber diagnosticar o que realmente está acontecendo, fazer palestra sobre o *bullying* na escola para todos conhecer quem é este fenômeno, discutir em sala de aula, e outras medidas que possam chamar a atenção dos estudantes e eles compreendam que é errado praticar essa violência contra o colega ou outro alguém que for, que fazer *bullying* com o outro é crime, que devemos respeitar as pessoas do jeito que elas são e querem ser, que não temos o direito de julgar a maneira de ser de ninguém, devemos respeitar para sermos respeitados.

Devemos realçar que entre jovens, as piadas causam danos muito profundos e até podem provocar abandono escolar ou isolamento. Por isso a escola deve ficar atenta a estas manifestações. Se for uma piada ligada a raça, Fonseca (2012, p.92) chama atenção ao fato de que “a piada reafirma e denuncia que os negros ainda não conseguiram construir sua cidadania, sendo tratados como marginais nas relações cotidianas.” De acordo com Fonseca (2012), as piadas surgem e ganham vida num universo engendrado pela produção cultural e pela história local, fazendo parte de um intercâmbio entre a língua, o poder, a força da palavra e suas representações, seus significados e as relações sociais vivenciadas. (FONSECA, 2012).

4.3 CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Sabe-se que não é algo recente a violência dentro da escola, no qual, nos últimos anos ganhou um novo termo chamado *bullying*. Sendo assim, a palavra *bullying* é de origem inglesa e sem tradução ainda aqui no Brasil. Este termo é utilizado para qualificar comportamento violento principalmente no ambiente escolar. De acordo com Chalita (2008, p.8) “*bullying* é uma palavra que vem do adjetivo *bully*, que, em inglês significa valentão. Quem é mais forte tiraniza, ameaça, oprime, amedronta e intimida os mais fracos”. Portanto, já o Silva (2010, p.21) reforça este argumento e afirma que a palavra *bullying* corresponde a um:

[...] conjunto de atitudes de violência física e, ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações sempre há um *bully* que domina a maioria dos alunos de uma turma e “proibi” qualquer atitude solidária em relação ao agredido.

Com essas informações anteriores podemos perceber que os praticantes dessa violência agem de uma forma tão devastadora, deixando as vítimas sem ação, constrangedora diante das pessoas ao seu redor. Segundo Mezzela (2008) ele acrescenta que por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações podemos dizer que *bullying* são ações como: colocar apelidos, ofender, zoar, humilhar, fazer, sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, e aterrorizar, amedrontar, dominar, agredir, chutar, empurrar e muitas outras ações, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Assim, é muito triste ver adolescentes, jovens passando por essas situações vergonhosas, onde muitas vezes vários deles ainda tem uma grande dificuldade de decifrar que essas atitudes passam além de uma brincadeira, de uma zoação de um colega, de uma pegadinha e que sim é uma grande violência que está passando.

Também, é de uma relevância demonstrar como os autores deste ato se sentem é obvio que no momento da execução da ação ele se sente o poderoso, radiante, mas, depois que tudo passa o mesmo deve se sentir incapaz, solitário, uma pessoa mal amada, deve ter culpa por ser um indivíduo que age desta maneira, então devemos prestar solidariedade a todos os envolvidos, pois ninguém pratica um ato violento por que quer, sempre tem algum motivo que os motiva a fazer está ação maldosa, temos que ajudar todos e todas.

Portanto, toda essa violência causa sérios danos as vítimas tanto no emocional, social, psicológico e no aprendizado. Sendo assim, a escola que deveria ser um aconchego para os seus estudantes, lhe dando segurança, servindo como refúgio desse ato, é um dos principais ambiente a ser palco para essa violação acontecer. Os estudantes que sofrem ou sofreram qualquer tipo de *bullying* tem uma grande possibilidade de ter um ensino-aprendizagem afetado tendo dificuldade no raciocínio, na participação das aulas, não conseguem assimilar o assunto com um êxito esperado (Consequências do *bullying* no processo de aprendizagem). Ressaltando que as consequências do *bullying* são bastante amplos e afetam todos

os envolvidos, principalmente a vítima que é a mais prejudicada, pois poderá sofrer os efeitos das humilhações por parte da vida, causando, conseqüências físicas, emocionais e na vida escolar.

O mesmo afeta o diretamente o desenvolvimento escolar de uma criança, adolescente, jovem. Por ser constantemente maltratado, concentra suas forças em encontrar alternativas para escapar do sofrimento. Vive em estado de alerta e suas únicas preocupações passam a ser controlar suas emoções, evitar os *bullies* e chegar à casa em segurança. Estudar deixa de ser prioridade, não consegue se concentrar nas aulas, evita participar dos trabalhos em grupos e das atividades extracurriculares. Quando suas notas começam a cair, os pais e professores começam a pressiona-los, seus níveis de estresse se elevam ainda mais. É lamentável constatar que um *bullying* tem o poder de ameaçar o futuro educacional e as oportunidades de vida de um adolescente.

Ao se sentir humilhado e perder a autoestima, ela pode deixar de aproveitar oportunidades que lhe dariam melhores empregos e uma carreira de sucesso. (CARPENTER; FERGUSON, 2011, p.124). O rendimento escolar dos indivíduos que são vítimas pode ficar comprometido, visto que, para esses alunos o ambiente escolar já não é mais um local de estudo e sim de medo e sofrimento. Alguns indicadores podem sinalizar o desinteresse do aluno em ir à escola, em como, sentir-se mal perto da hora de sair de casa, pedir para trocar de escola. Desta forma, pode-se entender que as conseqüências do *bullying* no processo de aprendizagem são inúmeras e variadas, contaminando o ambiente escolar, na maioria das vezes, os alunos, que são vítimas das agressões, não conseguem superar os traumas causados, tendo dificuldades na aprendizagem escolar.

Nota-se que os efeitos referentes aos *bullying* são gigantescos, afetando todos os envolvidos principalmente as vítimas que, segundo Carpenter e Ferguson (2011) apresentam problemas em curto prazo (ansiedade e medo) e em longo prazo (depressão, baixa autoestima e comprometimento do desenvolvimento escolar). Em conseqüência, a aprendizagem fica prejudicada, as vítimas sentem-se intimidadas, perdem o interesse pelos estudos e o medo que sentem é constante. Este medo bloqueia o funcionamento mental prejudicando o raciocínio e o interesse em relação a aprendizagem escolar. Tudo que os alunos vítimas de *bullying* desejam é se libertar daquelas agressões.

Neste caso, elas precisam da ajuda do profissional docente que deve interagir com os alunos para tentar auxiliá-los e os livrar desse pesadelo. Porém, o professor precisa ajudar a prevenir a violência nas escolas porque é a melhor forma de evitar que males como o *bullying* aconteçam. Cabe a escola promover essa prevenção, para realizar esses trabalhos as escolas precisam estar cientes do seu papel, de ensinar e educar. Sendo assim, é muito claro a importância que o ambiente escolar tem para minimizar, dar todo suporte as vítimas deste ato, e até mesmo aos autores que praticam esta ação.

São muitos aspectos envolvidos após este momento violento, então não tem como a unidade escolar ficar com os braços encruzados enquanto vários adolescentes estão perdendo sua paz, tendo sua privacidade invadida, tem que fazer um conjunto de união para tomar providências que levem a soluções destinados a acabar com estas agressões dando segurança a vítima e ao autor desta ação. A escola é um ambiente de socialização para os adolescentes e jovens e deve ser um espaço seguro, amoroso e estável para favorecer o desenvolvimento pleno dos estudantes. Por isso, precisa denunciar e prevenir atitudes de violência de forma protetiva e orientar estudantes sobre o melhor caminho a seguir (ASSIS, 2005, SCHULTZ, et al. 2012).

Embora, esta luta ao combate do *bullying*, não seja só dos familiares, tem que ter uma escola preparada para ter meios contra essa violência que está acontecendo cada vez, mas em suas salas de aulas. Tendo em vista, um dos principais sinais que os educadores devem ter é identificar o *bullying*. Ressaltando que é necessário compreender qual é o papel das escolas no combate e prevenção deste ato, pois a instituição pode sofrer as consequências previstas em leis, se for considerada culpada dos atos.

Portanto, as escolas podem fazer algumas ações ao combate do *bullying* como: Incentivar os alunos a denunciarem o *bullying*, a escola não pode ignorar os acontecimentos e deve garantir que o aluno se sinta seguro para reportar o ato, deixando claro que a direção e os professores estão dispostos a ajudá-los. Oferecer eventos sobre a temática, promover campanhas de conscientização, palestras e debates a respeito do *bullying*. Atuar junto com os pais e a comunidade escolar, disponibilizar apoio psicológico, estimular lideranças positivas entre os alunos. Concluindo que para superar de vez o *bullying* nas escolas, é preciso escutar os alunos, depois tomar as providências necessárias.

5 CAPITULO IV: METODOLOGIA E ANÁLISES

5.1 LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DA CIDADE DE SANTO AMARO

O município de Santo Amaro (BA) pertence ao Estado da Bahia, fica localizado na latitude 12-5472 e longitude 38. 7137. Tendo um território de 489,323 km², a sua população é aproximadamente de 59.312 habitantes segundo dados do IBGE (2010). Quem nasce na cidade de Santo Amaro é chamado de Santo-amarense, atualmente o município é administrado pela prefeita Alessandra Gomes Reis.

Santo Amaro (passou a localidade a denominar-se, não oficialmente, Santo Amaro da Purificação) faz parte do estado da Bahia e microrregião de Santo Antônio de Jesus. A cidade nasceu de um povoado mais antigos do Brasil. Foi fundado em 1557, tem sua história ligada ao Engenho de Sergipe do Conde, o rei dos engenhos reais de cana de açúcar, foi elevado a vila e município em 1727, tornou-se cidade em 1833.

Em divisão territorial dotada de 1993, o município é constituído de 3 distritos: Santo Amaro (BA), Acupe e Campinhos. Santo Amaro tem vários aspectos culturais como por exemplo a Festa de Nossa Senhora da Purificação que acontece todos os anos na cidade, de 24 de janeiro a 2 de fevereiro. No dia 31 de janeiro acontece a lavagem das escadarias da Igreja matriz.

Figura 1 - Igreja da Purificação



Foto: imagem da Internet

Também temos a festa de Senhor do Bonfim evento tradicional com data móvel em janeiro. São realizadas missas solenes, procissões na igreja de Santo Amaro, festas de largo, lavagem da igreja feita por baianos e shows.

Figura 2 - Lavagem



Foto: Imagem da internet

Tem a festa do Bembé do Mercado patrimônio imaterial da Bahia, a festa do bembé do mercado acontece de 10 a 13 de maio e comemora a abolição da escravatura. A festa teve início em 13 de maio de 1889, após um ano da abolição da escravatura no Brasil, quando os negros de Santo Amaro (BA) resolveram festejar a

liberdade fazendo louvor aos orixás das águas (Oxum e Iemanjá). Durante os festejos há exibições de maculelê, capoeira, afoxé, samba de roda e entrega do presente de Iemanjá.

Figura 3 - Bembé



Fonte: Imagem da internet

Santo Amaro (BA) é uma forte representação do samba de roda no Recôncavo Baiano. Dois importantes espaços culturais da região são dedicados ao samba de roda, são eles a Casa do Samba, o Memorial de dona Edith do Prato.

5.2 AS ESCOLAS DA PESQUISA

Ressaltando, que a pesquisa sobre o preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro (BA), foi feita em duas escolas estaduais da cidade de Santo Amaro (BA), sendo a escola Centro Educacional Teodoro Sampaio, e a escola Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano. Antes de Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do leste Baiano (CEEP) se tornar uma escola voltada ao ensino técnico ela era uma escola voltada ao ensino tradicional.

A escola Polivalente de Santo Amaro, como era conhecida antes de se tornar o Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano (CEEP) foi fundada entre as décadas de 1960 e 1970 que teve como diretor o professor Arnor

Costa Ramos um dos mais emblemáticos educadores de Santo Amaro (BA). Falecido em fevereiro de 2017, foi diretor da escola Polivalente, onde só saiu depois de sua aposentadoria.

Figura 4 - Vista frontal do Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do leste Baiano



Fonte: imagem da internet

Desde a sua fundação, a escola Polivalente tinha como método educacional o sistema de ensino tradicional, onde eram aceitos alunos a partir da quinta série do Ensino Fundamental e se estendia até o terceiro ano do Ensino Médio. Entretanto, antes da transformação da escola polivalente em Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do leste Baiano (CEEP) houve uma mudança na forma de ensino da escola, antes de total transformação entre os anos de 2006 e 2007 o ensino da quinta e oitava série do Ensino Fundamental foi suspenso de ser oferecido para novos estudantes, com isso sendo o pré-requisito para a transformação da escola de ensino tradicional em Centro Técnico.

A segunda escola feita a pesquisa foi o Centro Estadual Teodoro Sampaio-CETS é uma escola estadual que funciona há pouco mais de seis décadas, na cidade de Santo Amaro- BA. Fundada em 1954, a partir do ginásio Santamarense no governo de Luís Regis Pacheco Pereira (1951-1955) através do decreto estadual no

3301, publicado no Diário oficial em 23 de fevereiro. Este Centro era composto pelo Ginásio Estadual Teodoro Sampaio e pela Escola Normal, cujo secretário de Educação foi Dorival Guimarães Passos (951-1955).

Figura 5 - Vista frontal do Centro Educacional Teodoro Sampaio



Fonte: Imagem da internet

5.3 METODOLOGIA

Quanto a metodologia será uma pesquisa qualitativa, do tipo “estudo de caso”. A abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, a pesquisa do “estudo de caso” e a pesquisa “etnográfica” (PRODANOV, FREITAS, 2013; FLICK, 2009). Desta forma, escolhemos o tipo “estudo de caso”. Sendo assim, a entrevista foi feita com vinte e quatro estudantes de duas escolas, sendo doze (12) na escola I e doze (12) na escola II. Desta forma, seis alunos da série inicial três (3) meninas e três (3) meninos, e seis (6) alunos da série final três (3) meninas e três (3) meninos.

Esta pesquisa aconteceu em duas escolas estaduais da cidade de Santo Amaro (Bahia): o Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano (Figura 4) e o Centro Educacional Teodoro Sampaio (Figura 5). As entrevistas realizadas com os alunos tiveram autorização das coordenações das escolas em estudo. Os alunos que aceitaram participar da entrevista não assinaram nenhum Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Os alunos participaram

voluntariamente e a entrevista foi feita no espaço escolar. As entrevistas foram gravadas e organizadas para análise. Os alunos foram entrevistados individualmente porque as entrevistas em grupo trariam influências desnecessárias e comprometedoras para os resultados. Foram feitas seis perguntas para cada estudante.

Durante a pesquisa houve um imprevisto porque as escolas enceraram suas atividades mais cedo, e no dia que ocorreu a entrevista as escolas só tinham os alunos que iriam fazer recuperação. Então aconteceu que muitos alunos se recusaram em participar da nossa entrevista.

De acordo com Denzin e Lincoln (2005a, p.3 apud FLICK, 2009) a pesquisa qualitativa:

É uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (Denzin e Lincoln 2005a, p. 3 apud Flick, 2009, p.16).

O “estudo de caso” se caracteriza como um tipo de pesquisa de análise profunda que busca compreender uma realidade bem específica e precisa. É um estudo que visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. De acordo com Godoy, “o estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões como e por quê certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.” (GODOY, 1995, p.25, grifos do autor).

As entrevistas realizadas com os alunos tiveram autorização das coordenações das escolas em estudo. Os alunos que aceitaram participar da entrevista não assinaram nenhum Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Os alunos participaram voluntariamente e a entrevista foi feita no espaço escolar. As entrevistas foram gravadas e organizadas para análise. Os alunos foram entrevistados individualmente porque as entrevistas em grupo trariam influências

desnecessárias e comprometedoras para os resultados. Foram feitas seis perguntas para cada estudante. As perguntas são:

- 1) Quais as expressões ou palavras que você já ouviu e fez *bullying*?
- 2) Você já sofreu *bullying*? Conhece alguém que sofreu ou Sofre essa violência?
- 3) Quais consequências você acha que o *bullying* escolar (na sala de aula) pode causar para quem sofre?
- 4) Você já sofreu algum preconceito por ter falado “errado” alguma palavra?
- 5) O que é falar bem o português? E por que você sabe que fala bem?
- 6) Quem fala bem o português na escola? Por que?

As respostas dos estudantes foram analisadas para obtermos um resultado seguro, mas já podemos afirmar que o preconceito linguístico está cada vez mais presente nas escolas. Cada participantes foi gravado sensivelmente 15 minutos, o que significa que tivemos cerca de 360 minutos de gravação. Este material é representativo e ofereceu-nos condições para análises e discussões sobre o fenômeno do preconceito linguístico nas escolas. Dos resultados teremos o método indutivo que “é um método responsável pela generalização, isto é, partimos de algo particular para uma questão mais ampla, mais geral (...) no raciocínio indutivo, a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações” (PRODANOV, FREITAS, 2013, p.28).

5.4 OS DADOS E AS ANÁLISES

Assim, sabemos que o preconceito linguístico está em todo nosso dia a dia, mas um lugar que está chamando bastante atenção é dentro das escolas. Sendo de suma importância procurar saber, entender o que motiva esses adolescentes a praticar esta violência, quais as consequências que as vítimas deste ato sofrem.

Foi com a motivação de investigar que adolescentes do ensino médio praticam ou não o preconceito linguístico na sala de aula, que eles já sofreram essa violência. Pesquisamos em duas escolas da cidade de Santo Amaro o Centro Educacional Teodoro Sampaio e o Centro de Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano, escolhemos essas escolas pelo motivo de ser escolas da

nossa cidade, e pela facilidade de locomoção até ao local da pesquisa, assim fizemos uma entrevista com vinte e quatro adolescentes doze da escola I e doze da escola II, doze de série inicial sendo seis meninas e 6 meninos, e doze da série final seis meninas e 6 seis meninos, no qual responderam 6 questões sobre o preconceito linguístico, onde fizemos uma análise no qual resultou que o preconceito linguístico está cada vez mais presente dentro da sala de aula.

Na primeira pergunta que questiona “Quais as expressões ou palavras que tenha ouvido e fez *bullying*?” Percebemos que todos os alunos já fizeram e fazem *bullying* na sala de aula, seja lá um apelido, uma brincadeira, ou uma perturbação. Um exemplo de *bullying* que um adolescente da série inicial falou ao responder esta pergunta foi: “*Eu faço bullying todos os dias, chamo macaco, picolé de betume, preto por fora, branco por dentro*”. Os demais alunos também responderam que fazem *bullying* ao ouvir algumas palavras como “*seca, perna de pau, cabelo duro*”. Analisando este exemplo de fala fica nítido para nós que realmente existe *bullying* na sala de aula do ensino médio.

Segunda pergunta foi “Você já sofreu *bullying*? Conhece alguém que sofre ou sofreu essa violência”? Uma aluna da série final respondeu: *Sim já sofri bullying, sofro, conheço colega que sofrem*. Os demais alunos também já sofreram *bullying* e tem algum conhecido que sofre ou já sofreu. Então podemos observar que é muito preocupante o que está acontecendo em sala de aula, os adolescentes estão precisando de atenção, ajuda, e muitos professores não conseguem perceber o que está acontecendo em sua sala de aula.

Na terceira pergunta foi “Quais consequências você acha que o *bullying* escolar (na sala de aula) pode causar para quem sofre”? O aluno respondeu: *A depressão, se matar, esses bagulhos aí*. Os demais responderam a mesma palavra *depressão, o afastamento dos amigos, não ir à escola*.

Assim, é muito triste ver uma pessoa a tirar sua própria vida, ficar doente, parar de estudar por causa de ações de péssimo gosto do outro, precisamos ter cuidado com o outro. A quarta pergunta diz “Você já sofreu algum preconceito por ter falado “errado” algumas palavras”? Aluna respondeu: *Já! É claro quem nunca foi reprimido por falar algo errado, acho que ninguém, só não percebemos que fazemos uma atitude errada ao reprimir alguém por falar errado*.

Os 23 alunos restantes falaram que passam por essa situação sempre, que ao falar uma palavra errada já foram chamados de burros, ignorantes. É muito triste

escutar isso, pois a falta de conhecimento é capaz de levar uma pessoa a agredir a outra desta maneira, tendo uma ignorância tão grande de não saber que não existe pessoas burras.

Quinta pergunta foi feita “O que é falar bem português? E por que você sabe que fala bem”? A aluna responde: *Falar legível! Será que falar legível, é falar bem o português?* Os outros alunos responderam que falar bem o português, é falar nítido, ser compreendido ter uma fala clara e direta. Ressaltando que momento algum nenhum aluno citou que um dos fatores para se falar bem o português você precisa conhecer a gramática e suas normas.

A sexta e última pergunta foi “quem fala bem o português na escola? Porque”? O aluno respondeu: *O professor, por que ele estudou.* É surpreendente como os demais alunos falaram que somente o professor fala bem o português na escola, por que ele estudou, se preparou para isso. Isso afirma que ainda existe um tabu muito grande que só quem tem uma formação superior são o que sabem bem o português, a língua é uma variação constante, onde todo tempo está em movimento, sendo assim todos nós sabemos um pouco o português.

Dessa maneira, analisando essas respostas dos estudantes percebemos que o *bullying* e o preconceito linguístico estão sendo algo contínuo nas salas de aulas, onde alunos praticam de uma forma absurda sem pensar nas consequências que pode causar ao próximo e a até em si mesmo. Entretanto, as escolas deveriam tomar algumas providências para tentar minimizar estas violências dentro das suas salas de aulas, umas sugestões que poderiam ser feitas seriam:

1. Fazer debate sobre o *bullying*;
2. Criar campanhas contra o *bullying* em sala de aula;
3. Trazer a família e a comunidade para participar de atividades de apoio a vítimas desta violência;
4. E contra ao preconceito linguístico, trabalhar mais variação linguística em sala;
5. Realizar oficinas sobre as regiões, para os alunos conhecer outros dialetos, sotaques;
6. Fazer visitas de campo, para os alunos ter contato com diferentes falantes, para perceber suas diferenças.

Assim, em virtude dos fatos mencionados finalizamos que tanto o preconceito linguístico quanto o *bullying* são ações causados por pessoas de pouco

conhecimento, que por ter uma classe social melhor, ter um bom estudo se acham, mais superior que o outro. Mas não podemos deixar essas atitudes maldosas prevalecer em nossas salas de aulas, por isso, precisamos nos unir para acabar com esse tabu que só a elite sabe falar bem, escrever bem, que sala de aula não é lugar de se fazer *bullying* a ninguém.

Percebemos que na escola Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste baiano os adolescentes praticam, mas o *bullying* do que a escola do Centro Educacional Teodoro Sampaio. Existe uma diferença de comportamento entre os meninos e as meninas, no qual o *bullying* feito pelos os meninos não são iguais das meninas, eles atacam entre eles mesmos. E as palavras e expressões usadas entre as garotas e os garotos são diferentes, elas usam palavras como: feio, cabelo duro, seca. E os garotos usam as palavras: macaco, picolé de betume³, preto por fora, branco por dentro.

Desta forma, é inaceitável este tipo de comportamento em um ambiente escolar, pois o autor desta ação não conhece os danos que ele causa a vítima quanto a se mesmo. Por isso devemos trazer mais informações sobre o *bullying* para dentro das escolas, fazer uma mesa redonda para os alunos tirarem dúvidas, palestras, convidar vítimas para dar depoimentos para alertar os alunos a não praticar essa violência, pois não é só a vítima que sofre danos o agressor também, por isso diga não ao *bullying*.

³ Betume-Substância mineral natural, rica em carbono e hidrogênio, que arde facilmente soltando uma chama e fumaça espessas; asfalto, pez natural.

6 CONCLUSÃO

Em suma, concluímos que o preconceito linguístico é visto como um grande preconceito social. No qual a sociedade brasileira é a mais afetada, onde categorias sociais sofrem grandes discriminações por serem negros, pobres, homossexuais, mulheres. Sabemos que o preconceito linguístico é a discriminação que praticamos contra um falante pelo modo como ele fala. Vimos de certa forma como está violência acontece todos os dias das nossas vidas, que os adolescentes praticam naturalmente dentro da sua sala de aula, onde torna seu colega vítima desta agressão.

Fernando e Timbane (2022) deixam claro que qualquer cidadão/cidadã que se envergonha da sua própria variedade linguística tem problemas de autoestima e, sobretudo de identidade, o que em muitos momentos é causado pelo preconceito linguístico debatido com pormenor pelos linguistas brasileiros Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. O(a) cidadão/cidadã que se envergonha da sua variedade estaria sofrendo as consequências da **ideologia colonial** que tanto prejudicou as sociedades por longo do período de colonização. Imitar a variedade europeia do português era tido como o “uso correto”, o “bom falar”. Estudos sociolinguísticos labovianos contextam essa forma de enxergar a língua. (FERNANDO; TIMBANE, 2022, p.150).

Além, dessa ação maldosa os estudantes estão praticando o *bullying* em sala de aula, problema este que está causando sérios danos as vítimas, como por exemplo dificuldade na aprendizagem, falta de comunicação, falta de vontade para estudar. Por isso é de suma responsabilidade que a escola e os professores procurem soluções para tentar minimizar estes problemas, há soluções para combater o *bullying* e o preconceito linguístico como: Trazer a variação linguística para a sala de aula, fazer campanha contra o *bullying*, debates, trazer a família e a sociedade para participar de atividades preventivas na escola. Enfim, o preconceito linguístico e o *bullying* existe, mas com os alunos e professores unidos serão combatidos.

Em suma, a pesquisa obteve os objetivos desejados, pois conseguimos compreender como os adolescentes em Santo Amaro se comporta em relação ao preconceito linguístico. No qual, as hipóteses se confirmaram, sendo que os

adolescentes praticam o preconceito linguístico por falta de conhecimento, e de aceitação do modo de falar do outro.

Durante a pesquisa sofremos com algumas limitações como as férias dos alunos adiantadas que contribuiu pelo pequeno número de estudantes encontrados na escola, alguns alunos recusaram a participar da nossa entrevista, mas apesar desses contra tempos deu tudo certo. No futuro pretendemos aprofundar, mas a nossa pesquisa fazendo uma pesquisa de campo pra ter contato com esses adolescentes presenciando esses tipos de ações, para obtermos, mas informações das suas motivações para praticar esta violência. Pretendemos desenvolver estes conhecimentos desta pesquisa para as escolas construindo artigos, jornais dentro das escolas pra manter todos informados sobre o assunto. E fazer nas escolas palestras, debates, entregas de panfletos, oficinas para tentar minimizar ou resolver esse problema dentro do ambiente.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. 49ª ed., São Paulo, Loyola 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. [Entrevista cedida a] PNAIC UFSCAR, [S. l.], 31.05.2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UbdSNWv9XDQ&t=1143s> . Acesso em: 3 dez.2021.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressão de violência**. Estudos feministas. Ano 10, p.119-141, 1º sem. 2002.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Por uma política linguística nos serviços de saúde: um estudo sociolinguístico do Hospital Regional de Malanje (Angola). Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 268-290, jun. 2020.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Pós-colonialidade e lugares linguísticos (des)conexos no ensino em contexto rural angolano: (in)visibilidades em Tela. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, nº40, p.17-33, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas o que falar quer dizer**. 2º ed; São Paulo, editora São Paulo, 2008.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CEZARIO, Maria Mara; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al.(Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009, p.141-156.
- CINTED**. *Bullying*: um fenômeno novo, mas nada contemporâneo. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Modalidade_1datahora_11_11_2014_17_19_49_i dincrito_4278_3be5448eebf0166505923fbe98958139.pdf&oq=Modalidade_1datahora_11_. Acesso em: 3 jan.2023.
- COELHO, Alzira; TIMBANE, Alexandre António. Metodologia do ensino da escrita em manuais escolares do ensino privado na Guiné-Bissau. *In*: SANTOS, Deivid Alex dos; SOUZA, Adelene de; COSTA, Herika Cristina Oliveira da. (Org.). **Educação em perspectiva: reflexões entre a teoria e a prática**. Itapiranga: Schreiber, 2022.p.9-27.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

DICIO. Dicionário online de português. Betume, 2012. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/betume/>. Acesso em: 3 jan.2023.

EXAME. 55 anos. 4º, 8% das crianças brasileiras não foram alfabetizadas, mostra pesquisa, 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pesquisa-jovens-brasileiros-alfabetizados/>. Acesso em: 3 jan.2023.

FERNANDO, Mbiavanga; TIMBANE, Alexandre António. Emergência da normatização das variedades do português de Angola e de Moçambique: avanços e desafios. *In*: CAMARA, Crisófia Langa da; TIMBANE, Alexandre António. (Org.). **Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique**. Itapiranda: Schreiber, 2022, p.149-174.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela? a piada, o riso e o racismo à brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.
IBGE-Educa. Conheça o Brasil-População-Educação, 2019. Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20para,\(3%2C6%25\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20para,(3%2C6%25).). Acesso em: 3 jan.2023.

IDÉIAS. A relação entre língua(gem) e poder. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/Arquivos%20em%20PDF%20rev%2022/a%20relacao%20entre%20linguagem%20e%20poder.pdf> . Acesso em: 3 jan.2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticas**. São Paulo: Parábola, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, E. **O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português**. *In*: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., (Org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 667-678.

MINGAS, Amélia Arlete. **Línguas e culturas em Angola**. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.377-385, jul./dez. 2021.

MOURACOACHING. **Bullying sua origem e evolução.** Disponível em: <https://www.mouracoaching.com/origem-e-evolucao-do-bullying/>. Acesso em: 3 jan.2023.

NACIRI, Habiba; EL AHID, Nada. O amazighe entre as línguas de Marrocos. *In*: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth; TIMBANE, Alexandre António. (Org.). **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais.** *In*: Belém: Home, 2022, p.79-89.

NACIRI, Habiba; MOTA, Maria Antónia. Aquisição/ensino do português língua estrangeira por falantes arabófonos em Marrocos. I **Seminário Internacional VariaR: o ensino do português no mundo.** 28 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PzKx3U3nqN0>>. Acesso em 12 jan. 2023.

O PROGRESSO. Dia do professor, 2021. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/cotidiano/se-a-educacao-sozinha-nao-transforma-a-sociedade-sem-ela-tampouco-a/384844/> . Acesso em: 2 nov. 2021.

PARATESI, Nora Galli de'. **As palavras tabus e a mulher.** *In*: AEBISCHER, Verena et al. Falas masculinas, falas femininas. Trad. Celene M. Cruz et al. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.63-74.

PORTABILIS: *Bullying* nas escolas: Como identificar, combater e prevenir, 2023: Disponível em: <https://blog.portabilis.com.br/bullying/>. Acesso em: 5 jan.2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras.** Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf. Acesso em: 5 jan.2023.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura.** vol.57 no.2 São Paulo, p.35-38, apr./jun., 2005.

SAGUATE, Artinésio Widnesse. O ensino bilíngue em Moçambique: heterogeneidade linguística e proposta de abordagem do ensino-aprendizagem do português. **Revista (Entre Parênteses),** 7(1), s. p., 2018.

SAGUATE, Artinésio Widnesse. **O português makhuwa:** Representação escrita e proposta de exercícios didáticos no ensino bilíngue. 2017. 277f. (Tese). Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. A criatividade e a variação léxico-semântica do português guineense. *In*: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth; TIMBANE, Alexandre

António.(Org.). **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais**. Belém: Home, 2022, p.136-147.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua?** Curitiba: Appris, 2020. **STUDOS**. Sistema educacional brasileiro. Disponível em: [https://www.studos.com.br/gestao-escolar/sistema-educacional-brasileiro-o-que-e-ecomofunciona/#:~:text=O%20sistema%20educacional%20brasileiro%20%C3%A9,Nacional%20Comum%20Curricular%20\(BNCC\)](https://www.studos.com.br/gestao-escolar/sistema-educacional-brasileiro-o-que-e-ecomofunciona/#:~:text=O%20sistema%20educacional%20brasileiro%20%C3%A9,Nacional%20Comum%20Curricular%20(BNCC).). Acesso em: 3 jan.2023.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo:Contexto, 2017.

SUN SOFTWARE. Quais são os principais tipos de *bullying* que alunos enfrentam, 2018. Disponível em: <https://www.sunsoftware.com.br/tipos-de-bullying/>. Acesso em: 3 jan.2023.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Barcelona de 6 a 9 de Junho de 1996.

UOL. **Educação no Brasil**, 2023. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 jan.2023.

WASSE, Hercínia Chena Azarias; TIMBANE, Alexandre António. A evolução histórica da ortografia do português em jornais brasileiros do século XIX. *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio Edu da. (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021, P. 239- 260.

TIMBANE, Alexandre António; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 3, p. 388–408, 2016.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Identidade**, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade> . Acesso em: 6 jan.2023.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - MALÊS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

Para
Centro Educacional Teodoro Sampaio
Santo Amaro(BA)

Alexandre Antônio Timbane, docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês venho por este meio pedir autorização para realização da pesquisa científica da estudante **JAQUELINE ALVES MARTINS**, matrícula: 2018211994, do Curso de Letras e Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês. A estudante desenvolve a pesquisa "Preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro (BA)" sob minha Siape: 1295071. A pesquisa visa estudar as características da linguagem preconceituosa na fala de adolescentes buscando caminhos para sensibilização e combate ao preconceito.

Desde já agradecemos a vossa colaboração.

São Francisco do Conde (BA), 25 de novembro de 2022.

Alexandre Antônio Timbane



Orientador
Alexandre Antônio Timbane
Tel./whatsapp: (71) 981650723
e-mail: alexandre.timbane@unilab.edu.br

Orientanda
Jaqueline Laves Martins
Tel./whatsapp: (71) 983605701
Email: jaquemartins132@gmail.com

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - MALÊS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Para

Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano
Santo Amaro (BA)

Alexandre Antônio Timbane, docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês venho por este meio pedir autorização para realização da pesquisa científica da estudante **JAQUELINE ALVES MARTINS**, matrícula: 2018211994, do Curso de Letras e Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês. A estudante desenvolve a pesquisa "Preconceito linguístico em adolescentes do ensino médio, em Santo Amaro (BA)" sob minha Siape: 1295071. A pesquisa visa estudar as características da linguagem preconceituosa na fala de adolescentes buscando caminhos para sensibilização e combate ao preconceito.

Desde já agradecemos a vossa colaboração.

São Francisco do Conde (BA), 25 de novembro de 2022.

Alexandre Antônio Timbane



Orientador
Alexandre Antônio Timbane
Tel./whatsapp: (71) 981650723
e-mail: alexandre.timbane@unilab.edu.br

Orientanda
Jaqueline Laves Martins
Tel./whatsapp: (71) 983605701
Email: jaquemartins132@gmail.com